

MIGRAÇÃO ESTUDANTIL, INFORMAÇÃO E DIFERENÇA: NOTAS SOBRE COMUNIDADES VIRTUAIS NO FACEBOOK

STUDENT MIGRATION, INFORMATION AND DIFFERENCE: NOTES OF VIRTUAL COMMUNITIES ON FACEBOOK

Rubens da Silva Ferreira^a
Sarita Albagli^b
Leonora Figueiredo Corsini^c

RESUMO

Introdução: Trata sobre o uso das mídias sociais por estudantes estrangeiros, conduzindo a discussão com base nas teses da autonomia das migrações e da informação como produção de diferença. **Objetivo:** Analisa o uso das mídias sociais por esses estudantes com foco nos processos de produção e circulação de informação, conhecimento e vivências. **Metodologia:** Faz um exercício etnográfico virtual em oito comunidades organizadas no Facebook, concentrando a recolha e análise dos dados na composição nacional dos participantes, nas informações que circulam por elas e no processo de produção de diferença. **Resultados:** Classifica as comunidades virtuais em quatro tipos: mistas; nacionais; de estudantes; e institucionais. Identifica o predomínio da Língua Portuguesa nas interações que ocorrem nas comunidades virtuais formadas por estudantes estrangeiros e/ou migrantes. Mostra que esses estudantes são afetados por elementos da cultura brasileira, especialmente pelos ritmos musicais, pelas danças, pela culinária e pelos modos de falar e de vestir. **Conclusão:** Entende que no contato com novas informações, conhecimentos e modos de ser, os estudantes estrangeiros experimentem mudanças em suas subjetividades, bagagem infocognitiva e identidade. Verifica, então, que a diferença resultante dessa experiência não implica ruptura com as referências culturais e identitárias do país de origem, mas, a construção de estratégias individuais e coletivas de viver em um espaço entre *aqui* e *lá* mediado pela

^a Doutor em Ciência da Informação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT-UFRJ). Docente no Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal do Pará (UFPA). E-mail: rubenspa@yahoo.com

^b Doutora em Geografia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Docente da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IBICT-UFRJ). E-mail: sarita.albagli@gmail.com

^c Doutora em Serviço Social Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: corsinileonora@gmail.com

informação.

Descritores: Migração. Estudantes estrangeiros. Comunidades virtuais. Informação.

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Stephen Castles (2010), analista das migrações, o século XXI é considerado uma época de fluidez ante as inovações tecnológicas nos meios de comunicação, nos transportes e no trato da informação, acompanhadas de outras mudanças de toda ordem. Em termos de volume, os fluxos de circulação de pessoas dentro e fora de seus países têm aumentado significativamente nas últimas décadas. Após os grandes movimentos migratórios que marcaram os séculos XIX e XX, os deslocamentos internacionais voltaram a ter projeção nas primeiras décadas deste século. No ano de 2015, a *United Nations* (2016) estimou em 244 milhões o número de pessoas vivendo fora do país de origem, e 20 milhões as que estão em situação de refúgio.

As migrações para estudo, profissionalização, casamento, aposentadoria ou mudança de estilo de vida, em particular, vêm assumindo, segundo Castles (2010), importância cada vez maior. Ainda que o fluxo internacional de estudantes seja em número menor em relação aos demais migrantes, podemos efetivamente observar um aumento desse tipo de mobilidade nas últimas décadas. De acordo com a *International Organization for Migration* (2000), na categoria das migrações voluntárias, estimava-se então que mais de 2,8 milhões de homens e mulheres encontravam-se estudando em universidades estrangeiras. Para o ano de 2020, o prognóstico indicava um volume de sete milhões de pessoas em situação de estudo no exterior (ALTBACH; REISBERG; RUMBLEY, 2009). Nesse cenário da mobilidade humana em escala global, cabe esclarecer que os estudantes que saem de seu país de origem em busca de titulação no exterior são aqui considerados como migrantes, conforme sugerem autores como Sandro Mezzadra (2005), para dar conta da diversidade de experiências migratórias contemporâneas.

A discussão aqui proposta está alicerçada em duas grandes perspectivas teóricas. Uma delas baseia-se na autonomia das migrações (BOUTANG, 1998; MEZZADRA, 2005), que adota a premissa de que sair de um país para outro representa, sobretudo, uma fuga pela liberdade, por novas experiências de vida significando, no caso aqui estudado, um processo impulsionado pelos desejos, pelos afetos e pelas escolhas relacionadas ao investimento na formação profissional. Uma segunda perspectiva é a da “informação como produção de diferença” (BATESON, 2000, p. 459), o que se dá não só pelo contato com novas informações, conhecimentos e pessoas que cruzam o cotidiano dos estudantes estrangeiros, mas também pelas informações, conhecimentos e vivências trazidas por eles. Trata-se de repensar as informações que alimentam e são produzidas na experiência migratória dessas pessoas, o que nos estudos tradicionais aparece predominantemente como elemento de apoio na saída do país de origem e na chegada ao país de destino (LOBO, 2010; CHANEY, 2013). Assim, para além desse caráter instrumental, ao vislumbrar as migrações no terreno móvel das subjetividades, a informação adquire outra dimensão, à medida que essas experiências migratórias envolvem relações interpessoais e interculturais que modificam e ampliam os modos de agir, pensar, sentir e de viver dos estudantes migrantes.

Diante dessa realidade, realizou-se, na parte empírica da pesquisa, uma análise do uso das mídias sociais por aqueles que migram para frequentar cursos universitários no Brasil. Observou-se que, enquanto os dados sobre a presença de estudantes estrangeiros no Brasil são utilizados para dimensionar o volume desse tipo particular de migração, as comunidades virtuais colocam em evidência a relação entre mobilidade (física) e conectividade (informacional). Procedeu-se especificamente a um exercício etnográfico de observação das comunidades virtuais de estudantes estrangeiros no Brasil, em suas dinâmicas de compartilhamento de informações, conhecimentos e vivências. Tomando como fonte de evidências oito comunidades organizadas no Facebook, procurou-se caracterizá-las e conhecê-las segundo seus agrupamentos por nacionalidades, assim como os conteúdos (informação)

postos em circulação pelos participantes.

2 APROXIMAÇÕES CONCEITUAIS

2.1 Autonomia das migrações e o direito de fuga

Como já dito, as migrações para estudo podem estar inseridas no panorama mais amplo da mobilidade internacional de pessoas. Contudo, elas não devem ser vistas como um fenômeno a ser investigado somente pelos fatores objetivos que colocam tais pessoas em movimento no espaço mundial ao lado dos demais migrantes (GUSMÃO, 2008; OJIMA *et al.*, 2014). Autores como Yann Moulier Boutang (1998) e Sandro Mezzadra (2005), entre outros, têm colocado em discussão a necessidade de se olhar para outros fatores que colaboram para as migrações, os quais estão ligados às motivações de ordem subjetiva que alimentam o sonho de experimentar outras possibilidades de vida no exterior. Nesse sentido, a tese da autonomia das migrações oferece uma perspectiva para analisar os projetos construídos pelos estudantes com o propósito de continuarem sua formação acadêmica vivendo temporariamente (ou em definitivo) em outro país.

A tese da autonomia das migrações tem origem no Operaísmo, também conhecido como marxismo autonomista em função da releitura que os autores dessa corrente política fazem do pensamento de Karl Marx sobre as lutas dos trabalhadores, tidas como de ordem primeira em relação ao capital (COCCO, 2001; MEZZADRA, 2013). As bases do pensamento Operaísta sobre a autonomia do trabalho influenciaram as primeiras leituras dos movimentos migratórios como dotados de autonomia. Os autores que sustentam essa argumentação (BOUTANG, 1998; CASTLES, 2000; MEZZADRA, 2005) associam o eixo de análise das causas objetivas das migrações (crises econômicas e sociais, desastres naturais, perseguições, busca por trabalho etc.) com os fatores subjetivos, tais como o desejo de encontrar um par romântico, de morar em cidades mais cosmopolitas ou mais adequadas ao estilo de vida que se almeja ter, além de outros fatores.

O germe do pensamento sobre as migrações como movimentos autônomos aparece pioneiramente em Boutang ao analisar as transformações históricas do trabalho em suas diferentes formas. Em *De l'esclavage au salariat. Économie historique du salariat bridé*, o autor discute a relação entre a força de trabalho migrante, a regulação capitalista do preço dos salários e o papel do Estado-nação no controle da oferta/demanda do mercado por trabalhadores nacionais ou estrangeiros (BOUTANG, 1998). Todavia, apesar dos mecanismos de contenção que tanto o Estado quanto o mercado imprimem à circulação das pessoas, a mobilidade se mantém enquanto *primum mobile*, um movimento de primeira ordem. Entende-se que as migrações humanas são muito anteriores ao aparecimento do capitalismo, sobrepondo-se às barreiras administrativas e políticas criadas por ele para refreá-las. A análise de Boutang (1998) revela que a força de trabalho migrante é dotada de uma capacidade própria de ordenação, constituição e autovalorização.

Nos movimentos migratórios contemporâneos, Mezzadra encontra o terreno para contribuir com as teses da autonomia das migrações. O autor esclarece que essa abordagem sobre os fenômenos migratórios não representa uma teoria em si, pronta e acabada, mas um modo de pensá-los de maneira diferenciada (MEZZADRA, 2005). Como esse autor bem explica, não é intenção das teses sobre a autonomia das migrações romantizar as experiências dos migrantes nem vitimizá-los, como se eles fossem empurrados para fora apenas por conta das condições políticas, econômicas e sociais desfavoráveis no país de origem. O que essa abordagem procura fazer é contemplar as migrações em sua ambivalência, pois essas experiências envolvem tanto aspectos positivos quanto negativos para as pessoas que fazem da fuga a afirmação do direito ao movimento não apenas como resistência, mas também como possibilidade de novas formas de vida.

Ainda para Mezzadra, a fuga assume também sentido positivo, consistindo em uma ação política orientada para a busca pela liberdade, pela realização do desejo de construir uma vida diferente em outro lugar. A fuga não implica necessariamente ou tão somente uma ruptura radical com a cultura e o país de origem, em que pesem as condições adversas que os migrantes

possam enfrentar. O que se dá é uma “[...] mudança de hábitos que repercute no tecido social do país de origem, mas também são produzidos efeitos nos países de chegada” (MEZZADRA, 2005, p. 18). Uma mudança que ocorre também com os estudantes, não somente nos comportamentos e nos hábitos, mas na bagagem informacional e cognitiva que carregam com eles e repercute nas experiências e nos ambientes acadêmicos, políticos, econômicos, sociais e culturais que vivenciam, o que pode ser confirmado no estudo empírico.

2.2 Mobilidade e informação na produção de diferença

Na experiência de estudar no exterior, além da autonomia que sustenta o desejo de migrar, a escolha do país de destino, da cidade onde passarão a viver parte de suas vidas, do curso e da universidade que frequentarão, os estudantes vivem experiências que são efetivamente processos de produção de diferença. Teorizações a respeito aparecem em duas importantes referências: uma delas é a obra do historiador e cientista político Benedict Anderson, intitulada *Comunidades Imaginadas* (2008); outra referência é *Steps to an ecology of mind* (2000) de Gregory Bateson, uma coletânea de ensaios e conferências realizadas por ele nas décadas de 1970 e 1980. Enquanto Anderson fornece elementos para a compreensão do papel das viagens e da educação no exterior – principalmente nas metrópoles europeias, resultando em pessoas com outras realidades acadêmicas, culturais, laborais e sociais, diferenciadas em relação aos colonos –, Bateson apresenta a ideia de informação como a diferença que produz diferença, ou seja, os estímulos recebidos do meio, que, sensorialmente percebidos como novidade, acabam por produzir algum tipo de diferença nas pessoas.

É possível dizer que a ideia da informação produzindo diferença nas pessoas também aparece em autores clássicos na Ciência da Informação (CI). Ela é expressa nos anos de 1970 por Belking e Robertson (1976, p. 198), ao dizerem que “[...] informação é o que é capaz de transformar estrutura [...]” Decerto esta é uma definição bastante genérica, mas que se refere às transformações mentais que decorrem de cada nova informação assimilada

pelos indivíduos ao longo da vida. Ao se pensar essa diferença especificamente nos contextos formais de educação, nos mais diferentes níveis, fica relativamente fácil perceber o processo de modificação que ocorre nos estudantes a cada ano letivo. Todavia, em Belking e Robertson a produção de diferença emerge de uma relação construída entre pessoas e texto (que definem como signos propositalmente estruturados), estando associada ao contato humano com o conhecimento em suas formas registradas e documentadas, tais como manuais, livros, artigos científicos, dicionários especializados e outros mais. Por outro lado, a diferença que interessa a este estudo está associada à noção de informação e conhecimento vivos.

Ao estudar as origens e o processo de difusão dos nacionalismos, Anderson (2008) descreve o surgimento dos *homines novi* no século XVIII, precisamente de funcionários talentosos, originários das Índias orientais e ocidentais, que serviam à burocracia colonial europeia. Em função das qualificações, dos conhecimentos e das habilidades que possuíam, como o domínio de outras línguas, essas pessoas eram selecionadas para viajar a serviço dos seus senhores. Essa experiência de mobilidade acabou por estimular a criação de uma complexa burocracia estatal na África, nas Américas e no Caribe, sempre ávida por funcionários bilíngues e especializados.

No século XX, a mobilidade de pessoas ganhou nova escala, à medida que as inovações tecnológicas nos transportes encurtaram as distâncias entre países e continentes. Essa mudança tornou-se mais visível quando as migrações internacionais adquiriram outros ritmos e volumes após a Primeira Guerra Mundial. Ainda nesse cenário de produção de *homines novi*, Anderson (2008) destaca o papel da educação a cargo das instituições privadas (religiosas e leigas), todas elas responsáveis pelo fornecimento de pessoal qualificado para a burocracia do Estado e para a difusão do conhecimento científico, que, pouco a pouco, se impunha pelo rigor metodológico aplicado aos modelos racionais de explicação dos fenômenos naturais e sociais.

Após a Segunda Guerra Mundial, notadamente no marco do que ficou caracterizado nas Ciências Sociais como Pós-colonialismo, muitos jovens

estudantes asiáticos saíram das colônias para as metrópoles na busca por formação superior e convívio linguístico plural, ampliando, assim, as trocas culturais. Nessa experiência eles também compartilhavam saberes ligados aos seus locais de origem, modos de vida, formas de pensar e costumes. Quando enviados às universidades nas metrópoles, uma das diferenças produzidas pela educação no exterior se revelava na esfera política, sobretudo porque os jovens entravam em contato com os ideais de independência que lenta e progressivamente se difundiam nas colônias. Anderson (2008) lembra, neste sentido, dos estudantes cambojanos que migraram para Saigon, no Vietnã, e, no retorno, engajaram-se nos movimentos de luta pela liberdade contra o jugo metropolitano, fundaram e/ou se filiaram a partidos de viés democrático. Para o autor, o intercâmbio de informações e conhecimentos entre estudantes migrantes nas escolas e universidades está na base do processo de produção de diferença.

Já para Bateson (2000, p. 459), a informação é a própria “[...] diferença que faz diferença”, ao estudar como as pessoas se tornam o que são com base nas interrelações e trocas comunicacionais que experimentam. Levando o interesse pela comunicação para o campo da saúde mental, mais especificamente para os padrões comunicacionais dos esquizofrênicos, Bateson desenvolveu, nos anos de 1952 a 1956, a Teoria do Duplo Vínculo (*double bind*). A hipótese do duplo vínculo foi construída com base em um padrão de comunicação essencialmente paradoxal, em que uma mesma sentença inclui sentidos logicamente contraditórios – dizer uma coisa e fazer outra. Os esquizofrênicos em geral não conseguem abstrair ou metaforizar, mas se desenvolvem em contato com este tipo de comunicação duplo vinculante tão presente nas relações familiares e sociais. Desse modo, ensina Bateson que as pessoas estão em processo permanente de mudança pelas informações acionadas nas relações comunicativas com outras pessoas, o que as leva a modificarem suas imagens e percepções mentais, conforme estratégias adaptativas próprias dos seres vivos. A premissa básica por trás dessa ideia é a de que os organismos vivos são dotados de deutoaprendizagem, isto é, da capacidade de “aprender a aprender”

continuamente (BATESON, 2000, p. 249). É essa capacidade que permite aos humanos modificarem comportamentos, desejos, hábitos, ideias, valores e crenças ao longo da vida.

Como se vê, a produção de diferença em Bateson é, indubitavelmente, um processo relacional, que não pode prescindir do outro. Esse processo relacional se dá no âmbito do que o autor designa como mundo da forma e da comunicação, um domínio que, em contraste com o mundo da substância, da matéria, não invoca coisas, forças ou impactos, apenas diferenças e ideias. Uma diferença que faz diferença é uma ideia, um *bit* ou unidade de informação (BATESON, 2000). Para Bateson, a produção de diferença é um processo abstrato por natureza, que ocorre no mundo mental/relacional, abrangendo todo o circuito de trocas e interações dos organismos vivos em seu meio. A passagem a seguir ajuda a esclarecer o que o autor está chamando de diferença:

Uma diferença é um conceito muito obscuro e peculiar. Certamente não é uma coisa ou um evento. Este pedaço de papel é diferente da madeira deste púlpito. Há muitas diferenças entre eles – de cor, textura, forma, etc. Mas se começamos a perguntar sobre a localização dessas diferenças, nós chegamos a uma condição problemática. Obviamente a diferença entre o papel e a madeira não está no papel; não está obviamente na madeira; não está obviamente no espaço entre eles; e não está obviamente no tempo entre eles. (A diferença que ocorre através do tempo é o que chamamos “mudança”) (BATESON, 2000, p. 457-458).

Apesar dos caminhos distintos pelos quais Bateson e Anderson trabalham a noção de produção de diferença, entende-se ser esta uma ideia bastante útil no contexto das experiências migratórias dos estudantes e suas relações com as dinâmicas informacionais; realidade complexa que envolve processos de subjetivação e de relações interpessoais vivenciadas durante todo o tempo de estadia na terra do *outro*.

3 PASSOS METODOLÓGICOS: TRABALHANDO COM MOVIMENTO DE PESSOAS E FLUXOS DE INFORMAÇÕES

Com base no que diz González de Gómez (2000) acerca da aproximação e influência das Ciências Sociais na CI em relação à sua trajetória epistemológica, verifica-se o delineamento de uma linha de investigação traçada em torno de uma produção de conhecimento de caráter semântico-discursivo. Para essa linha têm contribuído, sobretudo, os métodos e as técnicas de ciências como Antropologia e Linguística. De um modo geral, elas têm permitido ao pesquisador coletar e analisar evidências em direção à compreensão do modo como as pessoas elaboram, atribuem significado e reconhecem algo como informação nas interações diárias com o *outro*. Ao buscar uma relação entre a CI e a Antropologia em sua articulação na produção de saberes, recorreu-se à pesquisa etnográfica para analisar as práticas de compartilhamento de informações, conhecimentos e experiências entre estudantes estrangeiros, precisamente os jovens que se encontram organizados em comunidades virtuais do Facebook.

Tendo em conta as particularidades dos sujeitos da pesquisa em sua dupla experiência de movimento – nos mundos *offline* e *online* –, adotou-se a proposta etnográfica desenvolvida pela bióloga e pesquisadora do Departamento de Sociologia da *University of Surrey* (Guildford/Reino Unido), Christine Hine, chamada etnografia virtual. Esse método aplicado aos estudos nas Ciências Humanas, Sociais e Aplicadas lida basicamente com a noção de movimento e de fluxo, razão pela qual pode ser visto como uma ruptura em relação à convenção da longa presença do pesquisador no campo, questionando a própria noção de campo como espaço físico delimitado (FALCON, 2009). Corroborando os ensinamentos de Henri Lefebvre sobre a ideia de espaço socialmente produzido pelas interações humanas, Falcon argumenta que a etnografia virtual, ao lado da multi-situada, se volta para os fenômenos sociais que não podem ser estudados em um único campo, uma vez que pessoas, ideias, objetos e informações estão em constante movimento no mundo.

Nesta perspectiva, a etnografia virtual considera a Internet não apenas como objeto de pesquisa, mas também como lugar de cultura. Considerando que a cultura e a vida em comunidade não são produtos diretos do lugar, a

etnografia também não pode ser, razão pela qual o método etnográfico precisa ser reformulado para lidar com a dinâmica, o fluxo e a mobilidade da vida nestes tempos de interações mediadas pelas redes digitais, que ultrapassam a esfera do local. Partindo do entendimento de Manuel Castells (2009) de que novas formas de relações sociais estão sendo construídas pela Internet, Hine (2004) propõe que a etnografia se volte para os estudos dos espaços simbólicos, como os de fluxos de pessoas e de informações estruturados mais em torno das conexões remotas do que em lugares físicos. Por conseguinte, Hine (2004) sugere a aplicação da etnografia virtual aos estudos sobre páginas *Web*, *chats*, lugares de trabalho que utilizam a Internet, grupos de notícias, portais, buscadores e muitos outros, dentre os quais se incluem pesquisas acadêmicas como esta, conduzida sobre comunidades virtuais de estudantes estrangeiros no Facebook.

Seguindo essas orientações, oito comunidades virtuais de migrantes e/ou de estudantes estrangeiros no Facebook foram selecionadas para fins de observação e recolha de dados. Dois critérios mínimos fundamentaram a seleção: a adesão de mais de 250 membros e a presença de estudantes estrangeiros. As observações foram conduzidas entre os meses de março e novembro de 2016, com dados registrados em caderneta de campo digital, produzida em *software* comercial de edição de texto amplamente utilizado. Esses dados foram complementados por *prints* das postagens realizadas pelos membros das comunidades virtuais. O material empírico recolhido foi organizado em arquivos de computador e analisado à luz do corpo teórico aqui mobilizado, de forma que o resultado deste exercício etnográfico é apresentado na seção seguinte.

4 ESTUDANTES ESTRANGEIROS E COMUNIDADES VIRTUAIS

As comunidades virtuais são formações gregárias que se constituem no ambiente das redes digitais e que têm atraído o interesse crescente de diferentes domínios disciplinares nas Ciências Humanas e Sociais, dentre outros. O uso pioneiro do termo é atribuído a Howard Rheingold, que, nos anos

de 1980, desenvolveu diversas experiências de processos interativos remotos por meio do computador pessoal. Posteriormente, outros autores têm contribuído para o melhor entendimento das comunidades virtuais em suas finalidades, estrutura e mecanismos de funcionamento.

Recuero (2005), por exemplo, fundamentada em autores como Mark Granovetter e Pierre Bourdieu, destaca que o que há de mais permanente nesses espaços de interação remota são as trocas comunicativas e informacionais, criadoras e mantenedoras de capital social. Criadoras de capital social porque as relações levadas para essas comunidades – ou que nelas são construídas – formam uma espécie de *quantum* social (BOURDIEU, 1980). Melhor dizendo, certo volume de pessoas, que, de modo mais ou menos durável, investe seu tempo em trocas simbólicas (ideias, informações, conhecimentos, sentimentos, etc.) em direção à obtenção de benefícios potenciais, mesmo que *a priori* esses benefícios não estejam claramente definidos. Essas comunidades também são sustentadas por ligações entre pessoas, de intensidade mais forte ou mais fraca (GRANOVETTER, 1973), conforme o grau de intimidade, proximidade e frequência com que interagem nesses espaços de sociabilidade virtual.

Entre outras contribuições teóricas sobre as comunidades virtuais, destaca-se também o trabalho de Manuel Castells. Para ele, as comunidades organizadas na Internet são orientadas por lógicas próprias, tendo grande potencial para ampliarem os laços entre seus participantes, contribuindo para o acesso a um volume maior de informações e de novas oportunidades afetivas, de lazer, trabalho e de aprendizado (CASTELLS, 2010). A filiação a essas comunidades normalmente ocorre a partir da identificação de interesses comuns que aproximam as pessoas, permitindo que elas possam interagir de maneira mais igualitária e desinibida. Entretanto, há de se reconhecer que os conflitos e as assimetrias também existem nessas comunidades e, quando eles ocorrem, dependendo da tensão criada entre o grupo, a pessoa responsável pela contenda pode ser punida com o banimento.

Recentemente o Facebook tem sido o espaço privilegiado de constituição de comunidades virtuais, onde os próprios usuários se auto-

organizam. Criado em 2004, trata-se de uma das mídias sociais que inauguraram a chamada *internet 2.0*, cuja principal característica é a interatividade dos participantes. Nessa plataforma foram identificadas diversas comunidades virtuais de estudantes estrangeiros no Brasil, de diferentes países, tornando-se, em razão disso, fonte de observação e análise deste estudo.

Logo de início, algumas dificuldades operacionais foram identificadas: como localizar estudantes estrangeiros nessas comunidades em meio ao volume de pessoas conectadas ao Facebook? Por onde começar? Quem e como contatar? Diariamente 1,9 bilhão de pessoas conectam-se ao Facebook, sendo 989 milhões delas por meio do uso de dispositivos móveis (FACEBOOK, 2016). O caráter internacional dessas conexões também é estimado em números: 84,9% dos utilizadores diários dessa mídia social estão fora dos EUA. Como se vê, o Facebook bem pode ser considerado uma síntese virtual do mundo *offline*, potencialmente conectando pessoas da África, das Américas, da Europa, da Oceania e da Ásia; falantes que estão distribuídos pelo mundo em mais de 70 línguas diferentes.

No esforço de localizar pessoas no Facebook, utilizou-se a ferramenta de busca da própria plataforma, empregando diferentes expressões em português, inglês, francês e espanhol, tais como: estudantes estrangeiros; estudantes africanos; estudantes europeus; estudantes americanos; estudantes colombianos; estudantes franceses; estudantes portugueses; estudantes latinos; Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G); Programa de Estudantes-Convênio de Pós-Graduação (PEC-PG); e muitas outras. A partir dessas expressões mais gerais, a busca resultou em uma lista de respostas que permitiu a seleção de oito comunidades caracterizadas no Quadro 1, a saber: Africanos no Brasil; Angolanos no Brasil; Chilenos em Rio de Janeiro; Estudantes Guineenses; Haitianos e Africanos imigrantes no Brasil; LatinosAmericanos em Rio de Janeiro; PEC-G/2012-Guiné-Bissau; e Sou Estudante do PEC-G ou já fui.

De um modo geral, as comunidades virtuais no Facebook podem ser públicas ou fechadas. Naquelas tidas como públicas, a afiliação de novos

membros é automática, não havendo a necessidade de autorização por parte de um administrador. Nas comunidades fechadas é necessário o envio de uma requisição, cujo aceite ou não fica a cargo do administrador. Em ambas as situações, o primeiro contato com as comunidades selecionadas foi dirigido ao gerenciador do grupo, esclarecendo os propósitos do estudo e pedindo a colaboração no sentido de indicar participantes que pudessem contribuir com a pesquisa. Após esse diálogo inicial foi conduzida a observação e a recolha dos dados e informações.

Pela análise dos dados recolhidos, uma primeira classificação dessas comunidades pode ser feita em relação ao tipo de participantes, qual seja: comunidades virtuais mistas; comunidades virtuais nacionais; comunidades virtuais de estudantes; e comunidades virtuais institucionais. As comunidades virtuais mistas, como o próprio nome sugere, congregam pessoas de diferentes nacionalidades e condições de estadia no país de recepção, a exemplo da comunidade Haitianos e Africanos imigrantes no Brasil, Africanos no Brasil e Latinos Americanos em Rio de Janeiro. Nelas é possível encontrar afiliações de migrantes, estudantes estrangeiros, familiares, amigos de estrangeiros e mesmo brasileiros interessados pelo tema das migrações. Os criadores e administradores desse tipo de comunidade virtual são pessoas de nacionalidade não brasileira, vivendo ou não no Brasil, que buscam reunir compatriotas no Facebook para com eles compartilhar informações, conhecimentos e experiências.

As comunidades virtuais nacionais geralmente se referem ao país de origem dos migrantes. Elas aludem a uma língua e a uma cultura comuns entre seus participantes. São exemplos dessas comunidades virtuais: Angolanos no Brasil e Chilenos em Rio de Janeiro. Entre os participantes têm-se migrantes propriamente ditos, estudantes e concidadãos que se encontram no país de origem ou em mobilidade em outros países.

As comunidades virtuais de estudantes são constituídas por pessoas que se encontram em situação de estudo em universidades estrangeiras, frequentando cursos de graduação ou de pós-graduação. No Brasil, identificou-se o predomínio dessas comunidades entre jovens de países latino-

americanos, caribenhos e africanos. Enquadram-se nesse tipo de comunidades as seguintes: PEC-G/2012-Guiné-Bissau e Estudantes Guineenses no Brasil.

As comunidades virtuais institucionais são mantidas pelas próprias universidades. De um modo geral, a gestão delas está a cargo de pessoal do corpo técnico-administrativo, encarregado de realizar postagens de informações que possam interessar direta ou indiretamente os estudantes, tais como calendários de matrícula, oportunidades de estágio, editais internos e externos, bolsas e eventos acadêmicos. No Facebook, Sou Estudante do PEC-G ou já fui é um exemplo representativo deste tipo de comunidade mantida pela Secretaria de Relações Internacionais da Universidade da Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

Quadro 1 – Comunidades virtuais observadas no Facebook, primeiro semestre de 2016.

Comunidades	Classificação	Nº Participantes	Objetivo	Nacionalidade dos membros
Africanos no Brasil	Comunidade mista/ Fechada	1.492	Não informado	Haitianos, guineenses, beninenses, senegaleses, malineses, peruanos, nigerianos, colombianos, moçambicanos, congoleses, brasileiros
Angolanos no Brasil	Comunidade nacional/ Fechada	4.562	Não informado	Angolanos, guineenses, beninenses, peruanos, brasileiros
Chilenos em Rio de Janeiro	Comunidade nacional/ Fechada	4.618	"Esta comunidad se destina a reunir chilenos que viven en la ciudad de Rio de Janeiro. El objetivo es el intercambio de contactos, organizar nuevas reuniones, fiestas y todo lo que la comunidad puede ofrecer. Bienvenidos!!".	Chilenos, brasileiros
Estudantes Guineenses no Brasil	Comunidade de estudantes/ Fechada	1.027	"Podemos trocar ideias e fazer novas amizades a partir desse ponto. Façam as suas publicações, compartilhe as suas Fotos e seus links para o Grupo".	Guineenses, senegaleses, beninenses, brasileiros
Haitianos e Africanos imigrantes no Brasil	Comunidade mista/ Fechada	3.759	"O motivo do grupo, passar informações que os imigrantes precisam saber, passar informações sobre imigração, um espaço para mostrar a cultura e belezas do Haiti e África e dos Haitianos e Africanos, comunicação e interação".	Haitianos, dominicanos, malineses, senegaleses, beninenses, peruanos, franceses, indianos, brasileiros, bolivianos
LatinosAmericanos em Rio de Janeiro	Comunidade mista/ Pública	280	"Grupo Abierto para consultas y para aportar opiniones!".	Equatorianos, chilenos, cubanos, argentinos, colombianos, bolivianos, brasileiros
PEC-G/2012-Guiné-Bissau	Comunidade de estudantes/ Fechada	463	"Este é um grupo de irmãos estudantes da Guiné-Bissau no Brasil, criado com o propósito de manter e fortalecer os laços de harmonia e solidariedade entre si. Lema: Tenhamos Fé, Coragem, Força e Determinação venceremos".	Guineenses, senegaleses, congoleses, brasileiros
Sou Estudante do PEC-G ou já fui	Comunidade institucional/ Fechada	490	Não informado	Congoleses, cabo-verdianos, ganenses, guineenses, são-tomenses, angolanos, beninenses, brasileiros

Fonte – Facebook (2016). Elaborado com base nos dados recolhidos para o estudo.

Quanto à composição nacional das comunidades investigadas, as mistas são bem mais diversificadas se comparadas às institucionais, às nacionais e às de estudantes. Destacam-se entre elas as comunidades Haitianos e Africanos imigrantes no Brasil, Africanos no Brasil e LatinosAmericanos em Rio de Janeiro. Considerando que os estudantes de origem africana e latino-americana representam o principal fluxo migratório de estudantes para o Brasil, notadamente pelos programas PEC-G e PEC-PG, nas comunidades Haitianos e Africanos imigrantes no Brasil e Africanos no Brasil registra-se a presença comum de haitianos, beninenses, senegaleses, malineses, peruanos e brasileiros. Aparentemente destoantes, essas duas últimas nacionalidades sugerem a abertura dessas comunidades de base africana à participação de pessoas do país de acolhida e de outros países, o que remete à ideia de Anderson (2008) sobre o convívio interétnico e seu papel na produção dos *homines novi* entre os que viajavam para fins de trabalho ou de estudo nas metrópoles.

Comunidades mais específicas, associadas à ideia de nacionalidade, apresentam maior número de participantes; mas, por outro lado, são menos diversificadas quanto à composição étnica. Isso é o que se verifica, por exemplo, em Chilenos em Rio de Janeiro e Angolanos no Brasil. Enquanto a primeira comunidade é basicamente formada por chilenos e brasileiros, a segunda, além dos angolanos, é constituída por guineenses, beninenses, peruanos e brasileiros. Os cidadãos brasileiros presentes nas oito comunidades analisadas correspondem às pessoas que mantêm vínculos de amizade, que possuem outro tipo de relação com os estudantes migrantes ou que não conhecem ninguém em particular, mas possuem algum interesse para estarem presentes nesses espaços virtuais. Em geral esses brasileiros são estudantes de cursos de graduação ou de pós-graduação, colegas de trabalho/estágio, pessoas do contexto de vizinhança, namorados (as), maridos, esposas, professores, pesquisadores, bem como pessoas ligadas às Organizações Não Governamentais (ONG) que desenvolvem algum tipo de trabalho com migrantes.

Considerando que as comunidades virtuais viabilizam o convívio remoto entre pessoas de diferentes países, as informações compartilhadas assumem um caráter relativamente monolíngue, ao contrário do que se poderia esperar diante de nacionalidades tão diversificadas. Embora as diferentes nacionalidades dos participantes imprimam certo caráter internacional a sete das oito comunidades virtuais analisadas, a Língua Portuguesa é o código de uso predominante nas trocas informacionais que ali se realizam. Isso mostra que os estudantes estrangeiros falantes de outras línguas estão incorporando – ou já incorporam bem – o português às suas práticas comunicativas. Poucos são os conteúdos produzidos e compartilhados pelos participantes em suas línguas nativas, não sendo raro observar, por exemplo, o uso de palavras e de expressões próprias do falar coloquial dos brasileiros, tais como “beleza”, “de boa”, “tá certo”, “tipo” e “caraca”, tanto para expressar uma atitude “descolada” por parte dos estudantes migrantes quanto à ideia de integração à sociedade de acolhida. Contudo, essas discretas incorporações linguísticas assimiladas pelo convívio contínuo com os brasileiros são percebidas no país de origem dos estudantes como uma mudança no falar. Não somente no sentido das palavras e expressões novas adicionadas ao vocabulário desses jovens, mas também no sotaque, no ritmo e no tom da voz.

Frequentemente essas diferenças sutis no falar se tornam fonte de questionamentos por parte dos compatriotas quanto à mudança na identidade. Melhor dizendo, da passagem para um modo de ser percebido e sentido como “abrasileirado”, que estaria afastando os estudantes de suas raízes. Com efeito, é na presença imediata dos familiares e dos brasileiros que os estudantes sentem as tensões relacionadas à identidade, uma vez que em seu país de origem eles não são reconhecidos como sendo as mesmas pessoas, e, no Brasil, são vistos como pessoas de fora, como estrangeiros. E assim, vivendo entre dois mundos, eles seguem com suas experiências na dinâmica da mobilidade e da produção de diferença.

Se de um lado o português e o espanhol são as duas línguas que tornam relativamente homogênea a paisagem informacional nas comunidades virtuais de base latina e de base africana no Facebook, de outro elas ocultam o

potencial linguístico que os estudantes estrangeiros trazem com eles para o Brasil. Há de se dizer que essas pessoas às vezes são falantes de dialetos e outras línguas locais, como é o caso dos congoleses, que, além do francês como língua oficial, também falam o *kikongo* e o *lingala* como línguas nacionais. Estudantes angolanos, dependendo da etnia, além do português podem ser falantes de *umbundo*, *quimbundu*, *ngangela* e outras línguas. Porém, o contato com o português de uso nas universidades brasileiras, notadamente na modalidade escrita, impõe outro aprendizado linguístico, exigindo dos estudantes estrangeiros o desenvolvimento de habilidades para falar e escrever bem a Língua Portuguesa, sobretudo no contexto da comunicação científica. Como consequência, o uso das línguas nativas fica reservado às situações presenciais ou remotas de comunicação entre seus compatriotas e/ou familiares.

Em seus espaços individualizados no Facebook os estudantes compartilham uma interessante documentação visual sobre suas vivências no Brasil. Ao menos nos perfis públicos é possível observar fotografias e vídeos que registram momentos de sociabilidade com estudantes brasileiros e de outras nacionalidades, dentro e fora das universidades. Nas páginas dos estudantes de origem africana, por exemplo, é possível vê-los descontraídos em cenas de lazer, dançando *funk*, samba, forró e sertanejo, bem como ensinando seus modos de dançar aos brasileiros. Além desse contato com a música e com a dança, há o contato com a moda e com a culinária, novidades que se apresentam ao olhar e ao paladar estrangeiro, e, uma vez experimentadas são registradas e compartilhadas no Facebook para que sejam vistas e “curtidas” por seus compatriotas e/ou amigos brasileiros. Embora pareçam simples, essas experiências são revestidas de complexidade, à medida que possibilitam a percepção das diferenças de um em relação ao outro. Assim, os estudantes estrangeiros se veem em um processo pelo qual são levados a reelaborar as imagens mentais sobre si mesmos e sobre o *outro* (compatriotas e pessoas do país de acolhida). Na mesma direção, os brasileiros com os quais se relacionam também são levados a reformular visões preconcebidas e às vezes equivocadas sobre esses estudantes e os

países de onde vieram. Nesse encontro das diferenças entre os de cá e os de lá, têm-se, assim, aprendizados e trocas mútuas de informação e conhecimento que acrescentam outros sentidos à experiência migratória.

Olhando mais especificamente as informações compartilhadas nas comunidades virtuais em foco, também foram identificadas diferenças, precisamente em relação aos tipos e às finalidades dos conteúdos que são postos em circulação. Já foi dito que as comunidades institucionais lidam com conteúdos que interessam mais ao dia a dia dos estudantes estrangeiros nas universidades. Nas comunidades Chilenos em Rio de Janeiro e Latinos Americanos em Rio de Janeiro, os fluxos de informação se referem aos aspectos culturais dessa cidade, principalmente textos e imagens que representam os lugares de visitação turística e as opções de entretenimento no bairro da Lapa, em casas noturnas, por exemplo. Na comunidade de chilenos, entre outros conteúdos, destaca-se a oferta e a procura por imóveis para aluguel, tendo como principais interessados os estudantes aceitos em cursos de graduação ou de pós-graduação, ávidos por conseguir moradia antes da viagem ao Brasil. Com a aproximação dos Jogos Olímpicos, essa comunidade tornou-se muito procurada pelos que estavam a caminho do Rio de Janeiro com o propósito de participar desse megaevento. Nessas comunidades nota-se, portanto, que a informação tem um caráter instrumental, precipuamente no sentido de apoiar pessoas no planejamento das viagens para turismo ou para estudo na cidade do Rio de Janeiro.

As comunidades virtuais mistas, nacionais ou de estudantes que têm a África como referência lidam com fluxos de informação bem mais diversificados, mas convergentes em seu propósito de levar seus membros a pensarem sobre sua história, cultura, identidade, estrangeiridade e sobre as relações raciais vivenciadas no Brasil. É possível dizer que nas comunidades Africanos no Brasil, Angolanos no Brasil, Estudantes Guineenses no Brasil, Haitianos e Africanos imigrantes no Brasil, PEC-G/2012-Guiné-Bissau e Sou Estudante do PEC-G ou já fui circula aquilo a que Oliveira e Aquino (2012) têm se referido como informação etnorracial.

Como um conceito ainda em construção, a informação etnoracial corresponde àquela que tem “potencial de produzir conhecimento sobre os aspectos históricos e culturais de um grupo étnico na perspectiva de sua afirmação na diversidade humana” (OLIVEIRA; AQUINO, 2012, p. 487). Ao que tudo indica, conteúdos dessa natureza são mobilizados porque pesquisas realizadas sobre os africanos no Brasil documentam vivências negativas, todas elas permeadas com relatos de preconceito, o que coloca em xeque a imagem internacionalizada da sociedade brasileira como tolerante e acolhedora às diferenças. Em contrapartida, para além dos conteúdos sobre discriminação racial de toda sorte, têm-se também postagens afirmativas que celebram as conquistas de personalidades negras e de pessoas anônimas; que valorizam a cultura, a história, a memória e a beleza dos países africanos e caribenhos, incluindo a beleza das pessoas negras ou pretas. Desse modo, nas comunidades virtuais que fazem referência à África, as informações que circulam possuem um tom mais político, uma vez que buscam transformar as subjetividades de seus participantes em direção à construção de uma consciência negra, de luta contra as desigualdades sociais e contra o racismo.

No que diz respeito à hipótese das identidades em movimento, que se afetam reciprocamente e se hibridizam (HALL, 2011), isto pode ser mais bem percebido pelos perfis dos estudantes estrangeiros no Facebook, lugar personalizado e individualizado onde falam de si e do que vivenciam no Brasil. Sobre esse ponto e de um modo geral, é possível dizer que as mudanças processadas na identidade ou sua hibridização envolvem esquemas seletivos que os estudantes migrantes aprendem a gerir. No contato com o *outro* em seus modos de ser, pensar, agir e também de sentir, eles filtram aquilo que os afeta positiva e/ou negativamente, decidindo sobre o que podem assimilar de acordo com critérios de interesse e de afinidade, o que não implica dizer que isso ocorra de modo consciente. Talvez essa mudança seja mais bem percebida no retorno ao país de origem, quando familiares e amigos que conhecem e convivem com esses estudantes dizem “Você está diferente” ou “Você mudou”, quer pela maneira como falam ou se vestem, quer pelos novos gostos, ideias ou comportamentos que adotam para si. Assim, como é possível

pensar a partir de Bateson (2000) e Anderson (2008), em termos de informação e de conhecimento as viagens para estudo no exterior são experiências que produzem diferença em quem as vivencia, cujas marcas dependem, sobretudo, do nível de abertura dos estudantes ao convívio com a diferença e do tempo vivido com o *outro*.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como os demais migrantes, os estudantes estrangeiros são pessoas que compõem o fenômeno multifacetado e global das migrações contemporâneas. Com base neste estudo, viu-se que o contato com diferentes recursos informacionais combinado à vivência acadêmica nas universidades os situa no contexto das migrações qualificadas, por meio das quais são produzidas aberturas para outros cenários cognitivos e informacionais produtores de diferença. Ao concentrar a análise no caso específico do que se chamou aqui de estudantes migrantes, foi possível verificar que a ação de migrar (enquanto fuga positiva) envolve outras formas de mobilidade que não somente o deslocamento humano no espaço geográfico, mas também os fluxos de informações e conhecimentos dinamizados pelas interações sociais presenciais e virtuais, sendo essas últimas construídas nas diferentes comunidades que existem no Facebook, ou mesmo em outras plataformas digitais disponíveis na Internet.

De acordo com os dados recolhidos, viu-se que os estudantes estrangeiros não usam a Internet apenas para acessar informações. Independente de qual seja o tipo, o fato é que as comunidades virtuais são também espaços de fala, de intercâmbio de vivências e de conteúdos produzidos por eles e postos em circulação nas mídias sociais. Esses conteúdos correspondem a tudo aquilo que essas pessoas experimentam em suas relações com *outro*, dentro e fora das universidades, bem como pelo que elas acessam e compartilham por meio dos perfis individuais ou das comunidades virtuais existentes no Facebook. Nessa direção, entende-se que esses processos interativos e comunicativos correspondem a transformações

nas subjetividades, na bagagem informacional e cognitiva que essas pessoas possuíam antes da chegada ao Brasil, e, do mesmo modo, às metamorfoses que ocorrem nas identidades durante o tempo vivido em outro país, em outra cultura, em outra sociedade.

Como a pesquisa revelou, as comunidades virtuais podem ser entendidas não apenas como espaços de fluxos de informação, mas também de produção de identidades e diferenças. De identidades pelo desejo que move o encontro dos estudantes com seus compatriotas, precipuamente para o compartilhamento das experiências comuns e/ou distintas vividas em sua *estrangeiridade*, reposicionando-os, assim, em suas origens e traços culturais. E de produção de diferença porque elas os expõem a um estado contínuo de mudança, à medida que o contato com o *outro* e com as novidades na sociedade de recepção propicia uma experiência de reelaboração de si próprios, inclusive no modo como percebem o Brasil e o país de origem. Diferenças essas quase sempre sentidas por ocasião do retorno à pátria, no reencontro com seus familiares e compatriotas.

Nas comunidades virtuais etnografadas observou-se também a emergência de alguns arranjos com o propósito de manter os vínculos dos estudantes estrangeiros com o país de origem. Esses arranjos puderam ser notados pelas frequentes referências a elementos e símbolos nacionais colocados em circulação por esses jovens, tais como bandeiras, escudos, cores, língua, ritmos musicais, danças, gastronomia e outros. Além disso, parte considerável das informações produzidas e compartilhadas está relacionada à história, política, economia, cultura e à sociedade de origem. Verifica-se, então, que ao migrar para estudar a diferença resultante dessa experiência não implica ruptura radical com as referências culturais e identitárias dessas pessoas, mas, a construção de estratégias individuais e coletivas de viver em um espaço entre *aqui* e *lá* mediado pela informação.

Para finalizar, cabe dizer que a pesquisa contemplou uma noção de informação e de conhecimento *vivos*, mesclando representações, afetos e subjetividades trazidas *de lá* e ampliadas *aqui* pelas relações sociais tecidas no cotidiano, colocando-se, deste modo, para além do que bibliotecas, arquivos,

museus e centros de documentação costumam inventariar e custodiar na forma documento para atender a uma probabilidade de uso. Assim, se a CI se afirma em sua proposta interdisciplinar, torna-se fundamental que a informação possa ser pensada e investigada não apenas na multiplicidade das formas documentadas das quais se ocupam essas instituições em suas funções finalísticas, mas também na riqueza do que é produzido e compartilhado pela experiência humana nestes tempos de intensa mobilidade internacional de pessoas e de fluxos de informações.

REFERÊNCIAS

- ALTBACH, P. G.; REISBERG, L.; RUMBLEY, L. E. (Org.). **Trends in Global Higher Education: Tracking an Academic Revolution**. Paris: UNESCO, 2009. Disponível em: <<http://www.uis.unesco.org/Library/Documents/trends-global-higher-education-2009-world-conference-en.pdf>>. Acesso em: 11 jul. 2017.
- ANDERSON, B. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BATESON, G. **Steps to an ecology of mind**. Chicago; London: University of Chicago Press, 2000.
- BELKING, N. J.; ROBERTSON, S. E. Information Science and the phenomenon of information. **Journal of the American Society for Information Science**, v. 27, n. 4, p. 197-204, jul./ago. 1976.
- BOURDIEU, P. Le capital social. **Actes de la recherche en Sciences Sociales**, v. 31, p. 2-3, jan. 1980. Disponível em: <http://www.persee.fr/doc/arss_0335-5322_1980_num_31_1_2069>. Acesso em: 12 jul. 2017.
- BOUTANG, Y. M. De la politique migratoire à la question du contrôle de la mobilité: premières hypothèses fondamentales. In: MOULIER-BOUTANG, Y. **De l'esclavage au salariat: économie politique du salariat bridé**. Paris: PUF, 1998. p. 9-67.
- CASTELLS, M. Paraísos comunais: identidade e significado na sociedade em rede. In: _____. **O poder da identidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 21-92. v. 2.
- _____. **A sociedade em rede**. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009. v. 2.

CASTLES, S. Entendendo a migração global. Uma perspectiva desde a transformação social. **REMHU – Revista Internacional de Mobilidade Humana**, Brasília, v. 18, n. 35, p. 11-43, jul./dez. 2010.

_____. International migration at the beginning of the twenty-first century: global trends and issues. **International Social Science Journal**, v. 52, n. 165, p. 269-281, set. 2000. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1468-2451.00258/pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

CHANEY, J. P. **Uncovering nodes in the transnational social networks of Hispanic workers**. 2013. 273 f. Dissertation (Doctor of Philosophy) - Agricultural and Mechanical College, Faculty of the Louisiana State, 2013. Disponível em: <<http://etd.lsu.edu/docs/available/etd-11192013-155138/unrestricted/Diss.chaney.pdf>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

COCCO, G. Introdução. In: LAZZARATO, M.; NEGRI, A. **Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 7-23.

FACEBOOK. **Company Info**. 2016. Disponível em: <<http://newsroom.fb.com/company-info/>>. Acesso em: 05 maio 2016.

FALCON, Mark-Anthony. Introduction. In: _____. (Ed.). **Multi-sited ethnography: theory, praxis and locality in contemporary research**. Surrey; Burlington: Ashgate Publishing Limited, 2009. p. 1-23.

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, M. N. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **DataGramZero: Revista de Ciência da Informação**, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/dez00/Art_03.htm>. Acesso em: 13 mar. 2016.

GRANOVETTER, M. The strength of weak ties. **American Journal of Sociology**, Chicago, v. 78, n. 6, p. 1360-1380, 1973. Disponível em: <https://sociology.stanford.edu/sites/default/files/publications/the_strength_of_weak_ties_and_exch_w-gans.pdf>. Acesso em: 14 jul. 2017.

GUSMÃO, N. M. M. de. África e Brasil no mundo acadêmico: diálogos cruzados. In: Colóquio Saber e Poder, 2008, Campinas. **Anais eletrônicos...** Campinas: UNICAMP, 2008, 12 p. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/focus/textos/GUSMAO%20-%20Africa%20e%20Brasil%20no%20mundo%20academico.pdf>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HINE, C. **Etnografía virtual**. Barcelona: UOC, 2004. (Colección Nuevas Tecnologías y Sociedad).

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR MIGRATION. **World migration**

report: 2000. Disponível em:

<https://publications.iom.int/system/files/pdf/wmr_2000_edited_0.pdf>. Acesso em: 24 jul. 2017.

LOBO, A. de S. Mantendo relações à distância: o papel do fluxo de objetos e informações na configuração de relações familiares transnacionais em Cabo Verde. In: TRAJANO FILHO, W. (Org.). **Lugares, pessoas e grupos: as lógicas do pertencimento em perspectiva internacional**. Brasília: Athalaia Gráfica e Editora, 2010. p. 27-44.

MEZZADRA, S. **Derecho de fuga:** migraciones, ciudadanía y globalización.

Madrid: Traficantes de Sueños, 2005. p. 143-157. Disponível em:

<<http://www.traficantes.net/sites/default/files/pdfs/Derecho%20de%20fuga-TdS.pdf>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

MEZZADRA, Sandro. **O que é Operaísmo?** 2013. Disponível em:

<<http://uninomade.net/tenda/o-que-e-operaismo-italiano/>>. Acesso em: jan. 2018.

OJIMA, R. *et al.* Migrações internacionais motivadas por estudo: uma análise

sociodemográfica dos estudantes estrangeiros radicados no Brasil. **Revista**

PerCursos, Florianópolis, v. 15, n. 28, p. 166-189, 2014. Disponível em:

<<http://www.periodicos.udesc.br/index.php/percursos/article/view/1984724215282014166>>. Acesso em: 08 jul. 2017.

OLIVEIRA, H. P. C. de; AQUINO, M. de A. O conceito de informação

etnorracial na Ciência da Informação. **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 8, n.

2, p. 466-492, set. 2012. Disponível em:

<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/_repositorio/2015/12/pdf_bd96b35b2d_0000012491.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2017.

RECUERO, R. da C. Comunidades Virtuais em Redes Sociais na Internet: uma

proposta de estudo. **Laboratório de Interação Mediada por Computador**.

2005. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/PDFs/com_virtuais.pdf>. Acesso

em: 13 jul. 2017.

RHEINGOLD, H. Virtual communities - exchanging ideas through computer

bulletin boards. **Journal For Virtual Worlds Research**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 1-5,

jul. 2008. Disponível em:

<<https://journals.tdl.org/jvwr/index.php/jvwr/article/view/293/247>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

UNITED NATIONS. **244 million international migrants living abroad**

worldwide, new UN statistics reveal. 2016. Disponível em:

<<http://www.un.org/sustainabledevelopment/blog/2016/01/244-million-international-migrants-living-abroad-worldwide-new-un-statistics-reveal/>>.

Acesso em: 23 out. 2016.

STUDENT MIGRATION, INFORMATION AND DIFFERENCE: NOTES OF VIRTUAL COMMUNITIES ON FACEBOOK

ABSTRACT

Introduction: This present paper deals with the use of social media by foreign students. **Objective:** It analyzes the use of social media by these students having a focus on the processes of production, circulation of information, knowledge and experiences. **Methodology:** Conducts a virtual ethnographic exercise in eight virtual communities organized on Facebook with regard to the collection of data analysis on, national composition of the members of these communities with regard to the information that circulates through them and the production process of the difference. **Results:** It classifies virtual communities into four types: Mixed; Nationals, Students and Institutions. This also identifies the occurrence to the interactions predominance of the Portuguese language in all the virtual communities formed by foreign students and / or migrants. It shows that these students are affected by elements of Brazilian culture, especially by musical rhythms, dances, cooking and ways of talking and dressing. **Conclusion:** Understanding that the foreign student when in contact with new information, new knowledge and new ways of being will experience changes in their subjectivities, infocognitive baggage and identity. Then, it verifies that the difference resulting from this experience does not imply a rupture with the cultural and identity references of the country of origin, but results in the construction of individual and collective strategies of living in a space between *here* and *there*, mediated by information.

Descriptors: Migrations. Foreign students. Virtual communities. Information.

MIGRACIÓN ESTUDIANIL, INFORMACIONES Y DIFERENCIAS: NOTAS SOBRE COMUNIDADES VIRTUALES EN FACEBOOK

RESUMEN

Introducción: El presente trabajo trata sobre el uso de las redes sociales por estudiantes extranjeros, dirigiendo la discusión con base en las tesis de la autonomía de las migraciones y de la información como producción de diferencia. **Objetivo:** Analisa el uso de las redes sociales por esos estudiantes con foco en los procesos de producción y circulación de información, conocimiento y vivencias. **Metodología:** Realiza un ejercicio etnográfico virtual en ocho comunidades organizadas en Facebook, concentrando la recolección y análisis de los datos en la composición nacional de los participantes de esas comunidades, en las informaciones que circulan por las mismas y en el proceso de producción de diferencia. **Resultados:** Clasifica las comunidades virtuales en cuatro tipos: mixtas; nacionales; de estudiantes; e institucionales. Identifica el predominio de la Lengua Portuguesa en las interacciones

que ocurren en las comunidades virtuales formadas por estudiantes extranjeros y/o migrantes. Muestra que esos estudiantes son afectados por elementos de la cultura brasileña, especialmente por los ritmos musicales, por los bailes, por la culinaria y por los modos de hablar y de vestir. **Conclusiones:** Entiende que en contacto con nuevas informaciones, conocimientos y modos de ser, los estudiantes extranjeros prueben cambios en sus subjetividades, experiencia infocognitiva e identidad. Así, se comprueba que la diferencia resultante de esa experiencia no implica ruptura con las referencias culturales y de identidad del país de origen, pero, la construcción de estrategias individuales y colectivas de vivir en un espacio entre *aquí* y *allá* mediado por la información.

Descriptor: Migraciones. Estudiantes extranjeros. Comunidades virtuales. Información.